

A incompetência e o egoísmo das "fôrças vivas"

A crise de trabalho continua sem encontrar uma solução. Apesar da estabilidade da moeda, ainda se continua com uma grande diminuição de actividade no comércio e na indústria, o que significa existirem em todo o país dezenas de milhares de pessoas a braços com a miséria.

A culpa da crise cabe em grande parte aos industriais, devido ao seu rotineirismo, à sua incompetência. Em Portugal, o industrial tem vivido dum maneira artificial: dirige-se ao Estado e pede-lhe que responja ao máximo, por meio das pautas alfandegárias, a entrada dos produtos estrangeiros, reduz o operariado a um salário que chega a constituir uma cínica negação do direito à vida e, feito isto, esfrega as mãos de contente e julga que resolveu o problema. Não resolveu coisa nenhuma, antes prejudicou até a própria sociedade que, para seu interesse, tem o dever de defender. Proibir a entrada de produtos estrangeiros não é uma solução, mas um erro, um erro que todos nós estamos pagando muito caro.

Hoje, apesar da existência das fronteiras ainda persistir, nenhum país pode isolar-se do mundo, e ficar estranho a todos os progressos realizados em qualquer campo da actividade humana. A vida dos povos tende a tornar-se comum, apesar de ainda subsistirem nacionalismos teimosos e regressivos e de todos os esforços feitos pelos interessados em alimentar ódios velhos, próprios das bárbaras épocas em que foram engendrados.

Lá fora a produção é constantemente modificada. Renovam-se, com grande rapidez, os processos de fabrico, de maneira que a manufatura saia cada vez mais abundante e mais barata. Entre nós, tudo permanece—com raras exceções—como ha quarenta ou cincuenta anos. A produção sae cara, a pesar do operário auferir um salário que quasi o impede de ser consumidor. E sai cara porque não se modernizaram os processos, não se renovaram os maquinismos e não se organizaram a sério as indústrias. Resultado de tudo isto: o operariado condenado a uma dura miséria, tendo de sofrer culpas que lhe não cabem e de pagar erros que não pratica.

Sem exageros pessimistas podemos afirmar que, por culpa do parasitismo incompetente e da tacanha mentalidade das classes elevadas, o povo português é um povo tratado pela fome, vivendo num agravio deplorável e numa ignorância que a percentagem de 75% de analfabetos eloquientemente comprova.

O industrial, o agricultor e o comerciante vivem principalmente do favor do Estado, e sucede que toda essa agitação que as chamadas "fôrças vivas" nos últimos anos promoveram contra os políticos, não tem por base, como elas afirmam, a má administração dos dinheiros públicos. Essa agitação é motivada pelo feitio insaciável das "fôrças vivas" cujas exigências não foram atendidas em bloco, porque se tal acontecesse a sociedade burguesa teria que pôr as mãos na cabeça e deixar-se ir para o fundo, como o macaco dum aedo antiga conhecida. São elas a causa da miséria do povo, são elas as culpadas da crise de trabalho.

Aproveitam a sua posição privilegiada na sociedade para ficarem impunes e conseguirem, apesar da sua incompetência e da sua estupidez, apesar de todos os erros acumulados, continuar triunfando à vontade. Se o operariado não se organizar fortemente nos seus sindicatos e não se preparar para reagir contra os autores da sua miséria e da sua exploração, dentro em pouco, da maneira como se está acentuando a decadência das classes exploradoras, ficará reduzido a ficar na história como um povo que viveu no eterno sofrimento de todos os povos e a quem, além da instrução, lhe roubaram o pão.

Estará o operariado disposto a contribuir, com a sua indiferença e com a sua passiva resignação, para a edificação dum futuro que seja o presente, continuado e agravado?

O CONGRESSO PEDAGÓGICO

Na 2.ª sessão foi entusiasticamente discutida a tese "Defeitos de Pronúncia", tendo o seu autor produzido interessantes considerações

Advoga-se a criação de cursos livres para o ensino da ortofonia

(Do nosso enviado especial)

VISEU, 20.—Concluída a leitura e defesa da tese "Defeitos de Pronúncia", que o professor sr. José Cruz Filipe redigiu, iniciou-se a sua discussão.

Os congressistas Mário Sedas, Rui Martins e Gomes Belo concordaram com a tese, apresentando o último dos oradores uma proposta que tem as seguintes conclusões:

"1.º Que o Congresso Pedagógico se manifeste no sentido de solicitar dos poderes públicos a criação de cursos especiais de ortofonia que devem ser frequentados em cursos de férias pelos professores;

"2.º Que os professores primários nas referidas áreas escolares intensifiquem uma ação em prol da boa pronúncia, combatendo todos os defeitos da linguagem para o que realizarão conferências, catalogando as palavras vividas da região e fazendo em seguida a referida rectificação;

"3.º Que o Congresso Pedagógico se manifeste sobre a necessidade de estabelecer o inter-câmbio literário e filológico entre os Brasil.

O professor Manuel da Silva discorreu largamente sobre incorreções de linguagem, terminando por nesse sentido apresentar o seguinte documento:

"O Congresso Pedagógico em Viseu, apreciando a tese "Defeitos de Pronúncia", resolve: 1.º Aprovar a tese na generalidade, com o seu vivo aplauso, pelo mal que pretende extinguir, a deficiente e desumana expressão verbal, corrindo, porém, o risco, sobre as provisões da inspecção geral da sanidade escolar, na solução de tão magnifico assunto; 2.º Aceitar a intenção dos remédios aconselhados na especialidade da tese, mas assim objectivados nas consequentes alterações sobre a orgânica das provisões a tomar;

"4.º Reclamar que o que tantas vezes se tem reclamado, instituto único de ciências de educação para preparação de professores de todos os ramos e graus de ensino de normais e anormais, seja brevemente um facto e não, portanto, a actividade de ensinar surdos-mudos e ortofonia seja devidamente considerada;

"5.º Instar porque os espíritos das provisões sobre ortofonia, que a sua actualização aperfeiçoaria, tomadas pelo afamado psicólogo e antropologista, dr. Aurélio da Costa Ferreira, em Novembro de 1915 e pela sanidade escolar em Outubro de 1921, se estendam a todos os pontos do país onde as necessidades o justifiquem;

"6.º Defender aulas de educação geral em que a ortofonia seja aplicada a preferência em aulas especiais em que só ela se cultive;

"7.º Reclamar como medidas provisórias que em cada Escola Normal Primária, especialmente, a propósito do português, educação física, música e canto coral, psicologia e higiene, aos futuros professores sejam dadas as noções necessárias sobre ortofonia, outro tanto devendo suceder com as inspecções e núcleos escolares em relação aos professores já colocados, entendidos, porém, sempre que possível e conveniente com os institutos ou cursos especiais de surdos-mudos e ortofonia que existam ou venham a existir."

O sr. Nozes Tavares concorda com a tese. Há muito tempo que um trabalho como este deveria ser apresentado, a fim de corrigirem erros de pronúncia e de linguagem.

Defende com calor o ensino de ortofonia como uma grande necessidade, e felicitou o sr. Cruz Filipe pela elaboração do seu trabalho, que considera honroso do professorado.

O professor José Maria da Cunha requereu que fosse submetida à votação a proposta do sr. Manuel da Silva. Aprovado.

O congressista Alves Martins saúda o presidente e felicitou o sr. Cruz Filipe.

Dissera sobre as deficiências técnicas de alguns professores primários, quanto ao conhecimento de ortofonia, entendendo que

se devia pedir ao Estado a criação de um curso para o estudo de ortofonia. Termina apresentando uma proposta-nesse sentido.

Rovisco de Andrade é da opinião que os professores deviam estudar a forma de corrigir os defeitos de pronúncia e extinguilos na medida do possível aos seus alunos.

Entende também que o relator da tese, devido aos seus profundos conhecimentos de ortofonia, poderia fazer um livro, uma espécie de tratado que explicaria os variadíssimos e complexos defeitos de linguagem.

Aos oradores responde o sr. Cruz Filipe. Regozija-se com a forma elevada como a discussão tem decorrido, verificando que as ideias defendidas na sua tese vão ganhando terreno.

Porém, deseja frizar ao congressista sr. Manuel da Silva que não foi por ignorância que omitiu o trabalho das inspecções escolares sobre o ensino de ortofonia. Não se interessou por esse trabalho porque ele não resolve o problema da incorreção de pronúncia.

Os oradores respondem ao sr. Cruz Filipe. Regozija-se com a forma elevada como a discussão tem decorrido, verificando que as ideias defendidas na sua tese vão ganhando terreno.

O sr. Cruz Filipe responde ainda aos outros oradores, aduzindo interessantes considerações que corroboram os principios defendidos na sua tese.

O sr. Acácio Gouveia requereu que os documentos apresentados nesta sessão batam à comissão de pareceres, a qual apresentará na reunião da noite o resultado do seu estudo. Foi aprovado.

Na mesa foram lidos telegramas de saudação dos núcleos escolares de Moura, Alcaçovas, Funchal, Nelas, Castro Verde, Santarém, Guarda e do Liceu Alves Martins, de Viseu.

Foi também lido um telegrama da professora sr. D. Regina Moreira, da escola n.º 111, do Pórtico, protestando contra a determinação da portaria n.º 4800 que a esbulhou da casa onde habitava. Nesse telegrama é feita uma referência ao inspector sr. Vidal Oudinet, por ter sido este senhor quem, com o auxílio da polícia, deu execução ao despacho de pronúncia.

Foram nomeados os congressistas srs. Sebastião Soares da Cunha, Manuel Bento Bismarck, Joaquim da Costa Quintela, Rovisco Andrade e Carlos Abreu, para dar parecer sobre os estatutos da Lutuosa dos Professores Primários; os congressistas srs. Pedro Almeida, António Bousões e José Cabral, para a comissão de contas; os congressistas srs. Artur Augusto Taborda, Eduardo de Figueiredo e António Gonçalves Loa Braç, para a comissão de verificação de poderes; e os srs. Caetano de Oliveira, Joaquim Sobreira e Manuel Boavida, para a reedição de notas.

O sr. Pedro de Almeida saúda os congressistas, a imprensa e a população de Viseu pela forma hospitalar como recebeu os congressistas.

O sr. Cesar da Silva fez várias considerações sobre ensino livre, terminando com um viva à escola única.

A professora D. Maria Madalena Querido, em nome do Conselho Nacional da Mulheres Portuguesas, leu uma saudação do Congresso Pedagógico na qual pede o reconhecimento dos direitos da mulher como mãe, esposa, etc.

O sr. Guterres traça a situação dos professores interinos sem colocação, propondo que desse assembleia saia uma comissão que coordene os votos dos professores sem colocação sobre a solução do que lhes interessa para apresentar aos futuros corpos gerentes da União e estes tomarem as providências necessárias.

O sr. José Maria da Cunha propôs que se reclame do Estado o aumento dos professores do quadro de Coimbra.

A's 19 horas foi suspensa a sessão.

As audárias e as intrigas das hostes reacionárias

Parce não haver dúvida alguma que os apoiantes da situação criada se afastam em dois sentidos perfeitamente distintos e, portanto, diametralmente opostos.

Uma corrente diabólica quer arrastar pelas escabiosidades da maldade integrante da sua natureza, a seguir, mais evidente sobre as coisas do século, pretende galbádi-la para horizontes mais largos, inflando-a de vida sensata e inspirando-a de uma espiritualidade de generosas ações para a felicidade comum... embora sob o ponto de vista burguês.

Se éte recontro de opiniões antagónicas, de intenções diversas, não tornam a situação o que se poderia chamar verdadeiramente encravado, pelo menos tem de ter muita cautela com a suposta isenção, com a duvidosa sinceridade, de muitos dos seus amigos, em cujo íntimo se lobrigam pogos de memória reservado, como nas ruínas de Memphis, ainda se podem encontrar esmorecidas estátuas de deuses antigos ou esquecidos túmulos de faraós milénicos...

Quando os altos poderes dominantes fazem correr nas suas argolas envergadas a forma elegância artística de uns reposteiros de esperanças, deixando antevar o bem disposto interior dum pacífico a sério, feita, não com as brutalizações escandalosas de um novo fascismo mas com a prudente serenidade que deseja cortar, o mais cerca possível, determinados abusos e corrigir muitas injustiças em cujas triturantes engrenagens tem sido colhido o povo sofredor—entre os magotes familiares de reacionarismo puro, ouve-se o sussurro ranger dos afiados dentes do feroz descontentamento dos abutres da fábula tradicional...

—Isso não, isso não!—exclamam, exasperados, os infernais personagens da tradição monástica do absolutismo...

Pressurosos nos seus desígnios de tiranias relapsos, lá se arrastam, preconhentamente, pelas misteriosas escadarias de todas as repartições do Estado, quais serpentes de Ureia, para que a hieroglífica vida das tratandas não deixe de conservar, integrada, a sua esfingica rigidez maliosa...

Seria faltar, com todo o repulso descurado, a verdade mais elementar, se disséssemos que eles não almejam uma funda reforma das relações políticas, económicas e sociais entre os indivíduos e as colectividades.

Desejam, sim, uma completa mutação do sentido da vida, mas em cuja perspectiva, amparada por terríveis gambiarras, se sobressaem a consternadora soledade dum Harka social, a desoladora devastação de uma espécie de Errech económico-política, onde não florescem as árvoreas da felicidade de genericamente colectiva, onde não possa vojar uma única em cuja asa níveas e distendidas ao ar benançoso se leia a mensagem da fraternidade entre os povos definitivamente reconciliados, onde nem sequer um inseto-homem de condição proletariata da vida, mas em cuja perspectiva, amparada por terríveis gambiarras, se sobressaem a consternadora soledade dum Harka social, a desoladora devastação de uma espécie de Errech económico-política, onde não florescem as árvoreas da felicidade de genericamente colectiva, onde não possa vojar uma única em cuja asa níveas e distendidas ao ar benançoso se leia a mensagem da fraternidade entre os povos definitivamente reconciliados, onde nem sequer um inseto-homem de condição proletariata da vida, mas em cuja perspectiva, amparada por terríveis gambiarras, se sobressaem a consternadora soledade dum Harka social, a desoladora devastação de uma espécie de Errech económico-política, onde não florescem as árvoreas da felicidade de genericamente colectiva, onde não possa vojar uma única em cuja asa níveas e distendidas ao ar benançoso se leia a mensagem da fraternidade entre os povos definitivamente reconciliados, onde nem sequer um inseto-homem de condição proletariata da vida, mas em cuja perspectiva, amparada por terríveis gambiarras, se sobressaem a consternadora soledade dum Harka social, a desoladora devastação de uma espécie de Errech económico-política, onde não florescem as árvoreas da felicidade de genericamente colectiva, onde não possa vojar uma única em cuja asa níveas e distendidas ao ar benançoso se leia a mensagem da fraternidade entre os povos definitivamente reconciliados, onde nem sequer um inseto-homem de condição proletariata da vida, mas em cuja perspectiva, amparada por terríveis gambiarras, se sobressaem a consternadora soledade dum Harka social, a desoladora devastação de uma espécie de Errech económico-política, onde não florescem as árvoreas da felicidade de genericamente colectiva, onde não possa vojar uma única em cuja asa níveas e distendidas ao ar benançoso se leia a mensagem da fraternidade entre os povos definitivamente reconciliados, onde nem sequer um inseto-homem de condição proletariata da vida, mas em cuja perspectiva, amparada por terríveis gambiarras, se sobressaem a consternadora soledade dum Harka social, a desoladora devastação de uma espécie de Errech económico-política, onde não florescem as árvoreas da felicidade de genericamente colectiva, onde não possa vojar uma única em cuja asa níveas e distendidas ao ar benançoso se leia a mensagem da fraternidade entre os povos definitivamente reconciliados, onde nem sequer um inseto-homem de condição proletariata da vida, mas em cuja perspectiva, amparada por terríveis gambiarras, se sobressaem a consternadora soledade dum Harka social, a desoladora devastação de uma espécie de Errech económico-política, onde não florescem as árvoreas da felicidade de genericamente colectiva, onde não possa vojar uma única em cuja asa níveas e distendidas ao ar benançoso se leia a mensagem da fraternidade entre os povos definitivamente reconciliados, onde nem sequer um inseto-homem de condição proletariata da vida, mas em cuja perspectiva, amparada por terríveis gambiarras, se sobressaem a consternadora soledade dum Harka social, a desoladora devastação de uma espécie de Errech económico-política, onde não florescem as árvoreas da felicidade de genericamente colectiva, onde não possa vojar uma única em cuja asa níveas e distendidas ao ar benançoso se leia a mensagem da fraternidade entre os povos definitivamente reconciliados, onde nem sequer um inseto-homem de condição proletariata da vida, mas em cuja perspectiva, amparada por terríveis gambiarras, se sobressaem a consternadora soledade dum Harka social, a desoladora devastação de uma espécie de Errech económico-política, onde não florescem as árvoreas da felicidade de genericamente colectiva, onde não possa vojar uma única em cuja asa níveas e distendidas ao ar benançoso se leia a mensagem da fraternidade entre os povos definitivamente reconciliados, onde nem sequer um inseto-homem de condição proletariata da vida, mas em cuja perspectiva, amparada por terríveis gambiarras, se sobressaem a consternadora soledade dum Harka social, a desoladora devastação de uma espécie de Errech económico-política, onde não florescem as árvoreas da felicidade de genericamente colectiva, onde não possa vojar uma única em cuja asa níveas e distendidas ao ar benançoso se leia a mensagem da fraternidade entre os povos definitivamente reconciliados, onde nem sequer um inseto-homem de condição proletariata da vida, mas em cuja perspectiva, amparada por terríveis gambiarras, se sobressaem a consternadora soledade dum Harka social, a desoladora devastação de uma espécie de Errech económico-política, onde não florescem as árvoreas da felicidade de genericamente colectiva, onde não possa vojar uma única em cuja asa níveas e distendidas ao ar benançoso se leia a mensagem da fraternidade entre os povos definitivamente reconciliados, onde nem sequer um inseto-homem de condição proletariata da vida, mas em cuja perspectiva, amparada por terríveis gambiarras, se sobressaem a consternadora soledade dum Harka social, a desoladora devastação de uma espécie de Errech económico-política, onde não florescem as árvoreas da felicidade de genericamente colectiva, onde não possa vojar uma única em cuja asa níveas e distendidas ao ar benançoso se leia a mensagem da fraternidade entre os povos definitivamente reconciliados, onde nem sequer um inseto-homem de condição proletariata da vida, mas em cuja perspectiva, amparada por terríveis gambiarras, se sobressaem a consternadora soledade dum Harka social, a desoladora devastação de uma espécie de Errech económico-política, onde não florescem as árvoreas da felicidade de genericamente colectiva, onde não poss

NOTAS & COMENTÁRIOS

Inexistente

Da Associação dos Escritores e Jornalistas recebemos uma circular convidando o nosso jornal a exprimir a sua opinião sobre vários assuntos que vão ser debatidos no 7º Congresso da União Internacional das Associações de Imprensa.

Compremos observar, com a lealdade e a sinceridade que é só timbre, que não se conhecemos à referida associação o menor direito a intervir nas questões de imprensa, porque, além de não ser um organismo de classe — os jornalistas que a ela pertencem denutram-se em massa, há cerca de dois anos — não é também uma colectividade que tenha vida própria.

Estranhámos até a aparição da referida circular, pois que revela, pelo menos, a existência dum máquina de escrever e a duma pessoa que redige em português. Essa pessoa, com certeza, acordou em subressalto — já deve estar a preparar-se para dormir o sono da colectividade.

Uma descoberta

O sr. Armando Boaventura, indiscutivelmente o jornalista que mais viaja em Portugal, foi a Viseu não para fazer a reportagem do Congresso do Professorado, mas sim um balanço sumário e um exame crítico que começam ontem a publicar na Idea Nacional.

Analisando o discurso do professor Carvalho Duarte trou a conclusão de que ele defendeu o 28 de Maio, porque criticou alguns erros e desmandos cometidos por cívicos e militares que pertenciam aos governos anteriores a esta situação. Aplicando o critério do sr. Boaventura ao nosso jornal, nós somos uns defensores encarnados da ditadura militar, visto que também criticamos desfavoravelmente os referidos políticos.

Esta adorável descoberta deixou-nos assombrados. Bendita a hora que o sr. Boaventura foi a Viseu! Se tal não acontecesse fizermos sempre ignorando o aplauso vibrante que estamos fazendo ao período político que de Braga, em 28 de Maio, se iniciou...

Saudação

Do Grupo Anarquista Universo, de Evora, recebemos uma vibrante saudação à A Batalha pelo seu reaparecimento e incitando-a a continuar, como atíqui aqui, a defender todas as grandes e nobres aspirações de emancipação humana.

Máquina de costura

VENDE-SE uma, em estado de nova, marca "Singer".

Lisboa trágica

de excessos passionais

Continua na Sala de Observações do hospital de São José Ana da Conceição, que, anteontem, foi ferida a tiro em Alhandra pelo namorado. O seu estado é grave. O cadáver do criminoso, Luís Roila, continua na casa mortuária do hospital de São José à disposição das autoridades.

Colhida fatal

No hospital de São José faleceu José Vidente, aquele indivíduo que, como notícias, foi colhido por um touro em Vila Franca de Xira, no dia 18. O cadáver recolheu à casa mortuária do hospital de São José.

Quedas graves

Na enfermaria de São Francisco do hospital de São José deu entrada Hermenegildo Luis, 45 anos, trabalhador, natural de Mangualde e residente na rua da Beneficencia, 245, loja, que caiu dum camionete na rua onde reside, resultando ficar gravemente ferido pelo corpo.

Na mesma enfermaria também deu entrada José Mendes, 40 anos, carroceiro, natural de Alpiarça, residente em Fornos de Cains (Coruche) que caiu dum burro, em Coruche, resultando partiu o braço esquerdo.

Hospital de São José

No Banco do Hospital de São José, receberam curativo, retirando para suas casas: Manuel Bernardo, 43 anos, natural de Alcântara, residente na rua Marques da Silva, vila Manuel Bernardo, 10, 1º, pedreiro, que ao passar pelo jardim do Campo Grande, deu uma queda, resultando ficar ferido numa perna; António Lourenço, 47 anos, carroceiro, natural de Arganil e residente na rua da Manutenção do Estado, 78, que, quando procedia a uma descarga de cascos, na Manutenção, entalou a mão direita, entre dois elões, resultando ficar ferido; Quintino Rodrigues, 21 anos, trabalhador, natural de Lisboa e residente na rua da Manutenção do Estado, 7, 1º, que caiu na rua onde reside, resultando ficar ferido num braço; José Silva Vital, 32 anos, carvoeiro, natural de Estarreja e residente na rua do Açúcar, 23, 1º, que apanhou um coice dum cavalo, no ventre, ficando ferido. O desastre deu-se na rua do Sol a Chelas.

Desastre a bordo

No posto da Cruz Vermelha do Calvário, receberam curativo e recolheu a casa, Horácio Artur, 23 anos, natural e residente na Costa de Caparica, marfim, que na Junqueira, deu uma queda, a bordo dum barco, resultando ficar ferido na cara.

Morreu pelo combate

Na morgue deu entrada, vindos da casa mortuária do hospital de São José, o cadáver de Germana Baptista Ferreira, aquela guardiã-cancas de Caxias, que, como noticiámos, foi há dias colhida pelo comboio de Cascais, a fim de ser autopsiado.

OS QUE MORREM

Armando José Ribeiro

Effectuou-se no p. p. dia 18 do corrente, para o cemitério do Lumiar, o funeral do nosso camarada Armando José Ribeiro, carpinteiro.

Noório fúnebre, que foi muito corrido, fizeram-se representar as Secções Sindicais e profissionais do Sindicato da Construção Civil de Lisboa, assim como o Grupo Foot-Ball Vista Alegre e a junta e paróquia da Char Neiva.

A questão do pão encarada sob o interesse dos consumidores e dos manipuladores

Desde que foi decretado o tipo único de pão, que no Sindicato dos Operários Manipuladores de Pão têm havido assembleias magnas semanais para defesa dos interesses da mesma, havendo uma certa agitação no seio da classe.

O motivo dessa agitação é a questão da abolição das balanças aos vendedores ambulantes e das penalidades impostas pelo aludido decreto aos caixeiros de padaria, penalidades até certo ponto injustas.

Analizando o decreto devidamente, constata-se que o uso das balanças pelo vendedor ambulante em nada virá beneficiar o consumidor, pois que aquele lhe é completamente impossível pesar o pão a todos os fregueses, que na sua grande maioria são abastecidos às primeiras horas da manhã e sendo ainda noite mais se dificulta esse trabalho.

Se a fiscalização for rigorosa é o suficiente para fazer respeitar a lei, de maneira a que os vendedores ambulantes não levantem pão das padarias com quebra superior a 6 %, mas para isso deve também o vendedor ser autoado com uma pesada multa quando lhe for encontrado pão com falta superior àquela que determina o decreto actual.

O pão que se encontra exposto à venda ao público não pode, por razões variadas, ser sujeito a essa percentagem de tolerância de peso porque se ao caixeiro lhe crescerem 50 pés de venda diária do dia anterior, tem que consumi-los no dia seguinte em contrapêso, visto que ao patronato é todos os dias paga a importância total da farinha fabricada na padaria. Como de outra forma não o pode consumir, e não podendo utilizá-lo para contrapêso, o caixeiro perde essa importância; e para auxiliar o consumo do pão duro tem que mandar pesar o pão em massa com menos 10 gramas para dar ocasião a consumir o pão que cresce de um dia para o outro.

Actualmente o pão chamado de luxo não é sujeito a peso e o último decreto que regula a produção de farinhas e venda de pão trouxe para essa qualidade de pão um aumento legal muito regular, porque diz o seguinte:

"É permitido o fábrico de pão de forma com o peso de meio quilo bem assim os formatos pequenos até 150 gramas. A estes formatos de pão nunca poderá corresponder um preço superior a 50% ao que é exigido pelo pão de tipo legal."

Pela redacção deste artigo se constata que foi autorizado a ser vendido ao preço de 3\$00, por quilo, pelo que junto à falta de peso que contém vem a ser vendido ao preço de 4\$00. No que diz respeito a sobras de um dia para o outro, o caixeiro com este pão tem sempre um prejuízo regular, porque como não há pão de aquele preço sujeito a peso tem que consumi-lo em contrapêso no pão de 2\$00. O industrial nuna perde porque não desonta nem um centavo para essa quebra, de maneira que o caixeiro paga-a a 4\$00 o quilo, as sobras vendidas a 2\$00 e tem, portanto, um prejuízo de 2\$00 em quilo.

O ministro da Agricultura tem mostrado desejo de resolver a questão do pão, mas para isso devia imediatamente proibir o fabrico de farinha fina destinada as massas e bolachas, porque essa cláusula do decreto

que foi autorizado a ser vendido ao preço de 3\$00, por quilo, pelo que junto à falta de peso que contém vem a ser vendido ao preço de 4\$00. No que diz respeito a sobras de um dia para o outro, o caixeiro com este pão tem sempre um prejuízo regular, porque como não há pão de aquele preço sujeito a peso tem que consumi-lo em contrapêso no pão de 2\$00. O industrial nuna perde porque não desonta nem um centavo para essa quebra, de maneira que o caixeiro paga-a a 4\$00 o quilo, as sobras vendidas a 2\$00 e tem, portanto, um prejuízo de 2\$00 em quilo.

O ministro da Agricultura tem mostrado desejo de resolver a questão do pão, mas para isso devia imediatamente proibir o fabrico de farinha fina destinada as massas e bolachas, porque essa cláusula do decreto

que foi autorizado a ser vendido ao preço de 3\$00, por quilo, pelo que junto à falta de peso que contém vem a ser vendido ao preço de 4\$00. No que diz respeito a sobras de um dia para o outro, o caixeiro com este pão tem sempre um prejuízo regular, porque como não há pão de aquele preço sujeito a peso tem que consumi-lo em contrapêso no pão de 2\$00. O industrial nuna perde porque não desonta nem um centavo para essa quebra, de maneira que o caixeiro paga-a a 4\$00 o quilo, as sobras vendidas a 2\$00 e tem, portanto, um prejuízo de 2\$00 em quilo.

O ministro da Agricultura tem mostrado desejo de resolver a questão do pão, mas para isso devia imediatamente proibir o fabrico de farinha fina destinada as massas e bolachas, porque essa cláusula do decreto

que foi autorizado a ser vendido ao preço de 3\$00, por quilo, pelo que junto à falta de peso que contém vem a ser vendido ao preço de 4\$00. No que diz respeito a sobras de um dia para o outro, o caixeiro com este pão tem sempre um prejuízo regular, porque como não há pão de aquele preço sujeito a peso tem que consumi-lo em contrapêso no pão de 2\$00. O industrial nuna perde porque não desonta nem um centavo para essa quebra, de maneira que o caixeiro paga-a a 4\$00 o quilo, as sobras vendidas a 2\$00 e tem, portanto, um prejuízo de 2\$00 em quilo.

O ministro da Agricultura tem mostrado desejo de resolver a questão do pão, mas para isso devia imediatamente proibir o fabrico de farinha fina destinada as massas e bolachas, porque essa cláusula do decreto

que foi autorizado a ser vendido ao preço de 3\$00, por quilo, pelo que junto à falta de peso que contém vem a ser vendido ao preço de 4\$00. No que diz respeito a sobras de um dia para o outro, o caixeiro com este pão tem sempre um prejuízo regular, porque como não há pão de aquele preço sujeito a peso tem que consumi-lo em contrapêso no pão de 2\$00. O industrial nuna perde porque não desonta nem um centavo para essa quebra, de maneira que o caixeiro paga-a a 4\$00 o quilo, as sobras vendidas a 2\$00 e tem, portanto, um prejuízo de 2\$00 em quilo.

O ministro da Agricultura tem mostrado desejo de resolver a questão do pão, mas para isso devia imediatamente proibir o fabrico de farinha fina destinada as massas e bolachas, porque essa cláusula do decreto

que foi autorizado a ser vendido ao preço de 3\$00, por quilo, pelo que junto à falta de peso que contém vem a ser vendido ao preço de 4\$00. No que diz respeito a sobras de um dia para o outro, o caixeiro com este pão tem sempre um prejuízo regular, porque como não há pão de aquele preço sujeito a peso tem que consumi-lo em contrapêso no pão de 2\$00. O industrial nuna perde porque não desonta nem um centavo para essa quebra, de maneira que o caixeiro paga-a a 4\$00 o quilo, as sobras vendidas a 2\$00 e tem, portanto, um prejuízo de 2\$00 em quilo.

O ministro da Agricultura tem mostrado desejo de resolver a questão do pão, mas para isso devia imediatamente proibir o fabrico de farinha fina destinada as massas e bolachas, porque essa cláusula do decreto

que foi autorizado a ser vendido ao preço de 3\$00, por quilo, pelo que junto à falta de peso que contém vem a ser vendido ao preço de 4\$00. No que diz respeito a sobras de um dia para o outro, o caixeiro com este pão tem sempre um prejuízo regular, porque como não há pão de aquele preço sujeito a peso tem que consumi-lo em contrapêso no pão de 2\$00. O industrial nuna perde porque não desonta nem um centavo para essa quebra, de maneira que o caixeiro paga-a a 4\$00 o quilo, as sobras vendidas a 2\$00 e tem, portanto, um prejuízo de 2\$00 em quilo.

O ministro da Agricultura tem mostrado desejo de resolver a questão do pão, mas para isso devia imediatamente proibir o fabrico de farinha fina destinada as massas e bolachas, porque essa cláusula do decreto

que foi autorizado a ser vendido ao preço de 3\$00, por quilo, pelo que junto à falta de peso que contém vem a ser vendido ao preço de 4\$00. No que diz respeito a sobras de um dia para o outro, o caixeiro com este pão tem sempre um prejuízo regular, porque como não há pão de aquele preço sujeito a peso tem que consumi-lo em contrapêso no pão de 2\$00. O industrial nuna perde porque não desonta nem um centavo para essa quebra, de maneira que o caixeiro paga-a a 4\$00 o quilo, as sobras vendidas a 2\$00 e tem, portanto, um prejuízo de 2\$00 em quilo.

O ministro da Agricultura tem mostrado desejo de resolver a questão do pão, mas para isso devia imediatamente proibir o fabrico de farinha fina destinada as massas e bolachas, porque essa cláusula do decreto

que foi autorizado a ser vendido ao preço de 3\$00, por quilo, pelo que junto à falta de peso que contém vem a ser vendido ao preço de 4\$00. No que diz respeito a sobras de um dia para o outro, o caixeiro com este pão tem sempre um prejuízo regular, porque como não há pão de aquele preço sujeito a peso tem que consumi-lo em contrapêso no pão de 2\$00. O industrial nuna perde porque não desonta nem um centavo para essa quebra, de maneira que o caixeiro paga-a a 4\$00 o quilo, as sobras vendidas a 2\$00 e tem, portanto, um prejuízo de 2\$00 em quilo.

O ministro da Agricultura tem mostrado desejo de resolver a questão do pão, mas para isso devia imediatamente proibir o fabrico de farinha fina destinada as massas e bolachas, porque essa cláusula do decreto

que foi autorizado a ser vendido ao preço de 3\$00, por quilo, pelo que junto à falta de peso que contém vem a ser vendido ao preço de 4\$00. No que diz respeito a sobras de um dia para o outro, o caixeiro com este pão tem sempre um prejuízo regular, porque como não há pão de aquele preço sujeito a peso tem que consumi-lo em contrapêso no pão de 2\$00. O industrial nuna perde porque não desonta nem um centavo para essa quebra, de maneira que o caixeiro paga-a a 4\$00 o quilo, as sobras vendidas a 2\$00 e tem, portanto, um prejuízo de 2\$00 em quilo.

O ministro da Agricultura tem mostrado desejo de resolver a questão do pão, mas para isso devia imediatamente proibir o fabrico de farinha fina destinada as massas e bolachas, porque essa cláusula do decreto

que foi autorizado a ser vendido ao preço de 3\$00, por quilo, pelo que junto à falta de peso que contém vem a ser vendido ao preço de 4\$00. No que diz respeito a sobras de um dia para o outro, o caixeiro com este pão tem sempre um prejuízo regular, porque como não há pão de aquele preço sujeito a peso tem que consumi-lo em contrapêso no pão de 2\$00. O industrial nuna perde porque não desonta nem um centavo para essa quebra, de maneira que o caixeiro paga-a a 4\$00 o quilo, as sobras vendidas a 2\$00 e tem, portanto, um prejuízo de 2\$00 em quilo.

O ministro da Agricultura tem mostrado desejo de resolver a questão do pão, mas para isso devia imediatamente proibir o fabrico de farinha fina destinada as massas e bolachas, porque essa cláusula do decreto

que foi autorizado a ser vendido ao preço de 3\$00, por quilo, pelo que junto à falta de peso que contém vem a ser vendido ao preço de 4\$00. No que diz respeito a sobras de um dia para o outro, o caixeiro com este pão tem sempre um prejuízo regular, porque como não há pão de aquele preço sujeito a peso tem que consumi-lo em contrapêso no pão de 2\$00. O industrial nuna perde porque não desonta nem um centavo para essa quebra, de maneira que o caixeiro paga-a a 4\$00 o quilo, as sobras vendidas a 2\$00 e tem, portanto, um prejuízo de 2\$00 em quilo.

O ministro da Agricultura tem mostrado desejo de resolver a questão do pão, mas para isso devia imediatamente proibir o fabrico de farinha fina destinada as massas e bolachas, porque essa cláusula do decreto

que foi autorizado a ser vendido ao preço de 3\$00, por quilo, pelo que junto à falta de peso que contém vem a ser vendido ao preço de 4\$00. No que diz respeito a sobras de um dia para o outro, o caixeiro com este pão tem sempre um prejuízo regular, porque como não há pão de aquele preço sujeito a peso tem que consumi-lo em contrapêso no pão de 2\$00. O industrial nuna perde porque não desonta nem um centavo para essa quebra, de maneira que o caixeiro paga-a a 4\$00 o quilo, as sobras vendidas a 2\$00 e tem, portanto, um prejuízo de 2\$00 em quilo.

O ministro da Agricultura tem mostrado desejo de resolver a questão do pão, mas para isso devia imediatamente proibir o fabrico de farinha fina destinada as massas e bolachas, porque essa cláusula do decreto

que foi autorizado a ser vendido ao preço de 3\$00, por quilo, pelo que junto à falta de peso que contém vem a ser vendido ao preço de 4\$00. No que diz respeito a sobras de um dia para o outro, o caixeiro com este pão tem sempre um prejuízo regular, porque como não há pão de aquele preço sujeito a peso tem que consumi-lo em contrapêso no pão de 2\$00. O industrial nuna perde porque não desonta nem um centavo para essa quebra, de maneira que o caixeiro paga-a a 4\$00 o qu

A GRANDE BAIXA DE CALÇADO

SÓ COM O LUCRO DE 10%.

NA

SAPATARIA SOCIAL OPERARIA

Sapatos para senhora	2000
Sapatos em verniz	3840
Botas pretas (grande salto)	4840
Botas brancas (salto)	28800
Grande salto de botas pretas	3840
Botas de cós para homem	4645

Não confundir a SOCIAL OPERARIA com outra casa.
Ver bem, pois só lá encontra bom e barato.
A Social Operaria é na rua dos Cavaleiros,
12-20, com Filial na mesma rua, n.º 43.

FABRICA
eléctrulos, mosaicos, azulejos, cimento
GOARMON & C. a
Travessa do Corpo Santo, 17 a 19
— TELEF. C. 1244 — LISBOA —

Caminhos de Ferro do Estado

Direcção do Sul e Sueste
Previdência do Ferroviário do Sul e Sueste

EDITOS DE 30 DIAS

Pela Comissão Administrativa da Previdência do Ferroviário do Sul e Sueste correm editos de 30 dias, nos termos do artigo 12.º e seus parágrafos dos respectivos Estatutos, a contar da última publicação desse anúncio no Diário do Governo, citando todas as pessoas incertas que se julguem com direito ao todo ou a parte da quantia de sete mil, oitocentos setenta e seis escudos (7.87600), valor do auxílio, de que trata o artigo 17.º e seu parágrafo único dos citados Estatutos, deixado pelo sócio n.º 2792, Joaquim Lameira Ferreira, artífice, falecido em 16 de Fevereiro de 1927 e cuja quantia se habilitaram Maria Laranjo Lavos, como viúva do falecido, e Liberdade Lameiro Gomes, como filha menor do falecido e de Conceição Gomes Eugénio.

Lisboa e sede da Previdência do Ferroviário do Sul e Sueste, aos 12 de Abril de 1927.—O Secretário da Comissão Administrativa, António Francisco Silva Vieira.

Policlínica da Rua do Ouro

Entrada: RUA DO CARMO, 98

TELEFONE N. 5353

Medicina, coração e pulmões—Dr. Armando Narciso—A's 5 horas.

Cirurgia, operações—Dr. Bernardo Vilas—4 h.

Rins, vias urinárias—Dr. Miguel Magalhães—10 h.

Pele e sifilis—Dr. Correia Figueiredo—11 e às 12 h.

Doenças nervosas, electroterapia—Dr. R. Loft—5 h.

Doenças dos olhos—Dr. Mário de Matos—2 h.

Garganta, surdez e ouvidos—Dr. Mário Oliveira—12 horas.

Estomago e intestinos—Dr. Mendes Belo—3 h.

Doenças das senhoras—Dr. Emílio Palma—2 h.

Doenças das crianças—Dr. Filipe Manso—12 h.

Tratamento de diabetes—Dr. Ernesto Roma—5 h.

Boca e dentes—Dr. Armando Lima—10 horas.

Canto e rádio—Dr. Cabral de Melo—4 horas.

Rolo X—Dr. Alen Salgado—1 horas.

Análises—D. Gabriela Beato—4 horas.

ISQUEIROS

Tubos, rodas, chaminés, fundos, molas e pedras, a preços resumidos.

Pedidos a:

FRANCISCO LATTA
LARGO DO CONDE BARÃO, 55
Tabacaria e Kiosque

A. VALENTE DE OLIVEIRA

PROCURADORIA

Rua Garrett, 48, 5.º — LISBOA

Cobrança de dívidas—Questões de Inquilinato

— Hipotecas — Casamentos — Divórcios

Acções em todos os tribunais

Grátis aos pobres

Aos pobres recomendados pelo jornal A Batalha e a todos os residentes na freguesia do Sacramento, damos consultas, para informações sobre diversos assuntos, como questões a resolver em tribunais, de inquilinato, etc., e fazemos toda a espécie de requerimentos, memoriais, petições, etc., gratuitamente.

A CURA DAS DOENÇAS PELAS PLANTAS, livro útil às boas donas de casa. Preço 2500; pelo correio, 2800. Pedidos à administração de A Batalha.

LEILÃO DE PENHORES

R. A. M. Alegrete, 30, 1.º

A 25, de tudo que tenha mais de 3 meses de atraso

A EPOPEIA DO TRABALHO

— POR —

Ferreira de Castro, com desenhos de Roberto Nobre

Esplêndido livro, que é um verdadeiro hino ao Trabalho, com dezenas de gravuras. A venda nas livrarias, ao preço de 6000 e cobrança, de 7500.

Pedidos à Livraria Renascença, de J. Cardoso, editor, Rua dos Poiais de São Bento, 27 e 29 e à Administração de A Batalha, calçada do Combro, 38-A, 2.º — Lisboa — Portugal.

LITERATURA REVOLUCIONARIA EM CASTELHANO

Maximo Gorki

Como se forja um Mundo Nuevo.

Cuentos de Itália.

La vida de um Homem innesecário.

Wladimiro Korolenco

El Imperio de La Muerte

Dr. G. Feydous

La vida tragicas de los Trabajadores.

Jean Masséstan

La Educación Sexual.

El matrimonio, el amor libre y la libre maternidade.

E. Reelas

La Montaña.

El Arroyo.

Octavio Mirbeau

El Calvario

P. Kropotkin

La etica. La revolucion e el Estado

Luis Fabri

Critica revolucionaria

H. Malatesta

Ideario

F. Dostoyevsky

Los Hermanos Karamazov

Trotsky — Constituição política da República dos Sovientes.

G. Willmott — O congresso da International Sindical Vermelha

C. de G. O. N. M. — Procriação consciente

5000

LA NOVELA SOCIAL

Interessante coleção de 10 novelas colaboradas por um bom número de escritores revolucionários — Prego

Pedidos à administração de A Batalha

A venda na administração de "A Batalha"

Cartilha do homem do povo.

Programa agrícola do Partido Operário Francês, por Paulo Lojorgue.

Deus, o Diabo e o Homem, por Lourenço da Silva.

Cartas políticas, por João Chagas, diversos números, cada exemplar.

A Humanidade, por Taras Javol.

O Abortamento, pelo Dr. Confeymon e I. Budin.

Monarquia Jesuítica, por Melchior Zuchero.

Os gatos, por Fidalho de Almeida, os três primeiros números da 2.ª série.

O Mitrismo, pelo prof. Almeida Paiva.

Os Crimes da Sacristia, por Alexandre Barbas.

A Religião da Humanidade, por José Augusto Corrêa.

A Filologia perante a História, por Nobre França.

Os direitos do Estado, por A. Levisse Teófilo Braga, traços biográficos por Francisco Simões Botelho.

O que é o socialismo, por E. Soisson.

O corpo humano, por A. Levisse Gravides e pelo de Desviveaux.

Os primeiros socorros a doentes, por A. C. Barroso da Silveira.

Determinação do valor físico do adulto, por A. C. Barroso da Silveira.

O concílio de Trento e a Civilização Moderna, por Alexandre Barbas.

3500

LA NOVELA SOCIAL

LLAMAS DE ODIO

É o título do n.º 13 da interessante coleção de novelas que se publicam em língua espanhola sob o título genérico de Novela Social, encontrando-se à venda na nossa administração ao preço de \$80. Pelo correio \$90.

A BATALHA

Livraria de A BATALHA

OBRAS DE LITERATURA, CIÊNCIA E ENSINO

Abel Botelho — Amazônia.

Alexandre Herculano — Lendas e Narrativas (2 volumes).

Cartas (2 volumes).

História da origem e estabelecimento da inquisição em Portugal (3 vols.).

Adolfo Lima — Contrato de Trabalho.

Educção e ensino.

O ensino da história.

Aquilino Ribeiro — Anatolio France.

Estrada de São Tiago.

Jardim das Tormentas.

Via Sinuosa.

As Filhas da Babilónia.

Terras do Demônio.

Augusto Machado — Impossível redenção (novela).

Augusto de Sousa — Fôlhas perdidas (fados).

Bento Faria — Missa nova (teatro em verso).

Blas de Sanglé — A loucura de Jesus.

Buckner — O homem segundo a ciência.

Charles Darwin — Origem das espécies.

Campos Lima — O Estado e a evolução do Direito.

O Amor e a Vida.

Céia dos Pobres.

A Revolução em Portugal.

Cristiano Lima — A escola de Nun'Alvares (novela).

Duarte Lopes — Frei Sangue.

Eça de Queiroz — O crime do Padre Amaro.

O príncipe Basílio.

O Mandarim.

Os Maias (2 vols.).

A Reliquia.

Fradique Mendes.

Casa Ramires.

Prossas Bárbaras.

Ecos de Paris.

Cartas Familiares.

Cartas de Inglaterra.

Minas de Salomão.

Notas Contemporâneas.

Últimas páginas.

Contos.

Ernesto Haeckel — História da Criação.

Origem do Homem.

Os enigmas do Universo.

Monisimo.

Religião e evolução.

As maravilhas da vida.

Faquet — Iniciação filosófica.

Iniciação literária.

Faria de Vasconcelos — Problemas escolares.

Por terras do além-mar.

Ferreira de Castro — Sangue Negro.

Sendas de Lirismo e de Amor.

A Peregrina do Mundo Novo.

F. Castro e E. Frias — A Bóca da Fome.

Flamarión — Iniciação astronómica.

Contos de luar.

A BATALHA

A continuidade da submissão sem limites e sem tréguas acaba por quebrar toda a energia moral, por embrutecer o homem num servilismo canino...LETOURNEAU.

O conceito da liberdade

A propósito do livro de Daniel B. Ross, "A vida triunfal"

No meio do côro sinistro das aves agitantes, que cheias de contentamento numa esperança ilusória, vem de há tempos agitando as garras e o bico aduncido para afastarem com violência o corpo da Liberdade, chegou-nos ultimamente os ouvidos o pior roufouno do autor de "A vida triunfal". —Daniel B. Ross—obra que em breve vai ser posta à venda em Portugal, e de qual o jornal do Comércio e das Colônias já publicou algumas páginas.

Servindo-se da sua inteligência, —como infelizmente quase sempre sucede, —não para orientar os espíritos e esclarecer a verdade mas para aforçar ao sabor das suas conveniências, Daniel Ross procura demonstrar-nos que a liberdade nas relações humanas traz consigo uma tal desordem e confusão que com ela tornar-se ia impossível a vida em sociedade; e para conseguir chegar a esta conclusão absurdamente emprega uma argumentação tão artificiosa e desarraizada que denota ou uma ignorância crassa ou então uma requintada má fé.

Assim, entre outros distates, escreve ele: «imagina o mundo em completa anarquia. Nem o direito de propriedade, nem direito de mando, nem direito de manter a ordem—uma liberdade quase absoluta. Que succederia logo, proletários? Os fortes esmagariam os fracos, mas desde então a liberdade morreria como que para sempre aos pés da fôrça bruta!»

Ora, pretendendo os anarquistas instaurar um meio social que assegure a cada indivíduo —e não a uma minoria privilegiada —a maior soma da liberdade e felicidade possíveis, é intuitivo que o estado social a que Ross se refere, onde os fracos seriam impiedosamente esmagados pelos fortes, não seria a anarquia, mas sim a continuação da sociedade capitalista, na qual só existe o direito (ou melhor o privilégio) da propriedade e do mando para um pequeno número, possuindo nela os proletários apenas o «direito» de se deixarem morrer de fome, quando qualquer patrão não tenha interesse em lhe explorar o trabalho.

Portanto, é óbvio e vazio tuio quanto Ross diz a este respeito no amontoado de frases desconexas que acima transcrevemos.

Além disso, das suas afirmações tira-se a falsa ilação de que os anarquistas dum modo geral pretendem que seja concedida a cada indivíduo a liberdade absoluta de fazer o que melhor lhe apeteça.

O facto que alguns filósofos individualistas da escola de Max Stirner e Frederico Nietzsche defendem esse absurdo, mas a verdade é que os grandes pensadores anarquistas, como Recius, Bakunin, Kropotkin e Malatesta, cujas doutrinas os fracos, mas desde então a liberdade morreria como que para sempre aos pés da fôrça bruta!»

Ora, pretendendo os anarquistas instaurar um meio social que assegure a cada indivíduo a maior soma da liberdade e felicidade possíveis, é intuitivo que o estado social a que Ross se refere, onde os fracos seriam impiedosamente esmagados pelos fortes, não seria a anarquia, mas sim a continuação da sociedade capitalista, na qual só existe o direito (ou melhor o privilégio) da propriedade e do mando para um pequeno número, possuindo nela os proletários apenas o «direito» de se deixarem morrer de fome, quando qualquer patrão não tenha interesse em lhe explorar o trabalho.

Assim, por exemplo, o proprietário territorial tem liberdade absoluta para manter os seus campos completamente incultos e o trabalhador esfomeado não tem sequer, porque a lei lhe nega esse direito, a liberdade de cultivar para seu sustento e para benefício da comunidade.

E' contra estas injustiças abomináveis que os anarquistas se revoltam, e portanto é aleviosa a insinuação de que a sua pretensão é ainda mais agravar o mal existente —como se mesmo fosse possível fazê-lo!

* * *

Para combater o espírito anti-legalista dos anarquistas faz Daniel Ross também algumas considerações que nos fizeram lembrar aquela pregunta lacuna do dr. Bernardino Machado ao falecido Antônio José de Avila: «se os anarquistas não reconheciam também a lei da gravidade?»

Sobre este assunto diz ele o seguinte: «Vós, por exemplo, se comedes e beberdes, demasiadamente, usareis da liberdade, sem dúvida, mas atrairais logo a pior tirania —a doença, o embriamento, a completa incapacidade para o trabalho.

E' portanto, lei natural a temperança e, se o é, a liberdade tem grandes limites que não é possível transpor sem infelicidades.

Ora, os anarquistas sabem muito bem que existem leis naturais (que nada têm que ver com as leis «artificiais» feitas pelos homens com o fim de defenderem determinados privilégios) contra as quais é impossível o indivíduo rebelar-se sob o risco de perecer ou ser prejudicado, e é baseando-se precisamente nessas mesmas leis que eles vêm a possibilidade da realização do seu ideal.

E' por saberem que ha uma lei natural chamada «solidariedade», que se manifesta em todas as espécies animais sociais, —como nos papagaios, nas formigas, nas rãs, humanas atrazadas, etc. —e que surge, completamente independente da letra dos códigos e das palavras religiosas, da necessidade instintiva de fazer prosperar a própria espécie; é por saberem isso, famosamente que elas combatem as leis defensivas dos privilégios do poder e da riqueza, porque estes, originando o antagonismo dos interesses no seio das sociedades, impedem que se desenvolvam normalmente entre os homens os sentimentos de simpatia e de apoio mútuo, os únicos que serão capazes de estabelecer uma sociedade harmónica e pacífica, baseada no bem-estar geral e no respeito dos iguais direitos de todos à vida.

* * *

Além desta, conhecem também os anarquistas uma outra lei natural —que é aquela que impõe todo o ser vivo a procurar alimento, seja de que modo for, quando se sente esfomeado, e que leva naturalmente o miserável proletário a revoltar-se contra os que o oprirem e explorar, sem ligar nenhuma importância a quaisquer ameaças e muito menos às larachas de certos filósofos» de vacaflilha a Daniel Ross.

A. B.

Sobre organização

Os órgãos da vida futura

Os sindicalistas revolucionários são de opinião que os gérmenes e órgãos necessários da futura vida social devem desenvolver-se no seio da sociedade actual e consideram que esses órgãos são as organizações económicas da classe operária. Organizam, pois, já esses agrupamentos tanto quanto possível de acordo com o destino futuro, capacitando-os para a expropriação e a reorganização da vida económica e social. As federações de uniões locais por um lado e por outro a federação das uniões de indústria, como ficou exposto a largos traços na declaração de princípios, são os órgãos que se apresentam mais apropriados áquelas fins, para se oporem às tendências capitalistas estatais e tornarem possível a administração da produção e do consumo pelos próprios operários. Naturalmente trata-se aqui de determinadas linhas gerais que indicam simplesmente o caminho da próxima revolução, sem as exigências práticas que resultam dum aprofundamento social e que hoje não podem ser previstas, sem querer reduzir a princípio dogmáticos.

O mais importante é que os trabalhadores se ocupem do problema da nova forma de sociedade para formarem um juizo claro sobre as instituições que devem substituir os actuais organismos de vida económica e social. Foi uma falta funesta da concepção marxista desprezar como utópico o esboço de planos e orientações para a organização dum sociedade socialista, uma falta que a classe operária alemã custou caro em Novembro de 1918. O pensamento de que o socialismo deve nascer necessariamente do sistema capitalista, como a aguia d'água da cabeça de Minerva, é um astuto sofisma. As próprias circunstâncias nos trazem o socialismo, mas para isso é necessário a vontade e a clara visão dos trabalhadores no organismo económico da sociedade. Nesse terreno está principalmente o ponto de referência da educação socialista das massas, que os sindicalistas tratam de fomentar com todos os meios de que dispõem.

Métodos de luta

Os métodos de luta do sindicalismo revolucionário não estão no campo da actividade parlamentar, nem se cobrem com as satisfações dos golpes de Estado revolucionários do Jacobinismo comunista para o estabelecimento dum determinada ditadura de partido. Os seus métodos estão no terreno económico, principalmente nos actos colectivos do proletariado contra o capitalismo e todas as manifestações de opressão dos governantes. Na sua qualidade de produtores, possuem os proletários na sua força de trabalho, para defender as suas exigências, um instrumento natural como não existe outro. O trabalho é o fundamento de toda a sociedade, o eterno renovador da vida social, a alavanca que põe em movimento todo a nossa existência e a torna possível. E são os trabalhadores que dispõem dessa alavanca, na qual se materializa a verdadeira força da sua posição social. Quanto mais se aproximar dessa posição a consciência do movimento, quanto mais sistemática e calculadamente sobreimpõem as suas organizações revolucionárias de luta pela ação direta contra o capitalismo e seus defensores, tanto mais rapidamente soarão a hora da sua emancipação. E', pois, missão dos sindicalistas das lutas diárias pelo salário uma mais funda significação social, profundizando cada vez mais entre os proletários o pensamento de que o fim dos seus sofrimentos só será um facto com a queda da escravidão do salário e do sistema capitalista.

Todas as lutas entre o capital e o trabalho são por assim dizer épocas nesse caminho, pois fortalecem o sentimento de solidariedade dos trabalhadores e sobreponem os interesses de classe aos interesses de ofício. Essa é também a verdadeira essência da ideia de greve geral, na qual acham a sua mais elevada expressão os meios económicos e sociais de luta do proletariado.

Estas são, em poucas palavras, as ideias e métodos do sindicalismo revolucionário, que na nossa opinião estão chamados a servir de bússola aos deserdados e aos despossuídos do nosso tempo no grande calvário da paixão do salário escravizado para o novo mundo do comunismo livre.

Rodolfo ROCKER

Solidariedade

Festa de auxílio

Realiza-se no dia 24 do corrente, no Salão de Festas da Construção Civil, uma festa de auxílio a Ermelinda Costa, companheira de Filipe José da Costa, que se encontra a braços com uma terrível enfermidade que a impossibilita de trabalhar.

O espetáculo constará de um drama esfolhado, um acto de variedades, em que tomam parte Elvira Guedes, Domingos Gonçalves, Arlete de Almeida, Branca Marques, Ivone Guedes, Darlinda Marques, Carlos de Oliveira, José de Almeida, Daniel Silva, José Estevam e o actor Antônio Vitorino, canção nacional por diversos cultivadores e representação da comédia «O comissário é uma joia».

Torna parte nesta festa o conhecido improvisador Manuel Maria e o sr. Joaquim Lima, e os acompanhamentos à guitarra serão feitos por José de Brito e seu viola.

Abrilhanta esta festa um distinto grupo musical sob a regência do sr. A. R. Leite da Silva, que executará o seguinte programa: «Saluto à Parigi», marcha; «Jolly-Dolly», fox; «Domino Vermelho», tango; «O Líndia», fox; «Sempre a andar», marcha; «A Espiga», one-step; «Negrita», tango; «Os Lusitanos», marcha.

Durante o acto de «cabaret», serão os acompanhamentos feitos por alguns elementos do grupo.

Previne-se os camaradas que têm bilhetes em seu poder para que prestem as suas contas até às 23 horas de hoje, sábado, na sede do Grupo Dramático S. Operária.

E' hoje que se realiza, pelas 21 horas, no Salão da Construção Civil, a récita a favor dos camaradas José dos Santos e José de Oliveira, subindo à cena a interessante peça em 2 actos «A imagem». I acto de variedades e na 3.ª parte, variações à guitarra por un exímio guitarrista e canção nacional por um escolhido grupo dos melhores cultivadores do P.º.

Além desta, conhecem também os anarquistas uma outra lei natural —que é aquela que impõe todo o ser vivo a procurar alimento, seja de que modo for, quando se sente esfomeado, e que leva naturalmente o miserável proletário a revoltar-se contra os que o oprirem e explorar, sem ligar nenhuma importância a quaisquer ameaças e muito menos às larachas de certos filósofos» de vacaflilha a Daniel Ross.

A. B.

Crónica do estrangeiro

Imperialismo e... desarmamento

A famosa conferência

GENEBA, 22.—Retomou os seus trabalhos a comissão preparatória da conferência do desarmamento, tendo-se ocupado da publicação das informações militares.

A comissão preparatória da conferência do desarmamento está discutindo o problema das anuções segundo os projectos britânico e francês. O delegado belga, sr. Bronckere, apresentou uma emenda conciliadora.—(L.)

A política soviética

MOSCOWIA, 22.—O congresso soviético encerrou os seus trabalhos, depois de aprovar o programa político e económico do governo e votar uma moção no sentido de intensificarem os trabalhos para o estreitamento de relações amigáveis com todas as nações. —(L.)

A ocupação da Alemanha

BERLIM, 22.—Consta que as tropas francesas, ainda ocupando Salomón, na Renânia, vão proceder à evacuação daquela província, em consequência dos protestos da Alemanha, baseados no tratado de Versalhes. —(L.)

A intervenção na Nicarágua

NICARÁGUA, 22.—As forças americanas que actuam em Nicarágua, perto de Chigualpa, fizeram fogo sobre as tropas liberais, a fim de protegerem um comboio que transportava uma divisão do general Diaz. O número de mortos é elevadíssimo. —(L.)

O conflito Italo-iugoslavo

ROMA, 22.—Sir Graham, embaixador da Inglaterra, teve esta manhã uma longa conferência com Mussolini sobre o conflito italo-iugoslavo. —(L.)

No regime capitalista

BERLIM, 22.—Segundo referem os jornais, as negociações para o tratado comercial franco-alemão, foram suspensas em virtude de dificuldades provenientes da nova tarefa aduaneira francesa, tendo chegado a Berlim para receber instruções o delegado Posse, que se encontra em Paris. —(L.)

Protecionismo bancário

TOKIO, 22.—Como consequência da ação do novo governo, o Banco do Japão emprestou a vários bancos a quantia de 10 milhões esterlinos, e enviou 7 toneladas de notas aos bancos de Osaka. —(L.)

Noéda persa

TEHERAN, 22.—O governo persa vai introduzir no seu regime monetário o padrão ouro, tendo já nomeado uma comissão para esse efeito. —(L.)

Um assalto de bandidos

NOVA YORK, 23.—O número de mortos no assalto ao comboio, próximo de Límon, é elevadíssimo. Alguns ingleses e americanos salvaram as suas vidas mas foram forçados a presenciar o massacre. A escolta manteve, logo, por espaço de duas horas e até se esgotarem as munições. Os bandidos mutilaram os corpos a faca. Na pilhagem estão incluídos 200 mil pesos ouro do Banco do México. —(L.)

A sociedade burguesa

Cretinismo conselheiro

MANTUA, 22.—Foi ontem inaugurado em Mantua o monumento a Vergílio, obra prima do arquitetônico Beltrami. Assitiram à cerimônia o sub-secretário Bodrero, que representava todo o governo, senadores, deputados e os reitores das universidades de Cambridge, Oxford, Praga, Paris, Stokholm, autoridades locais, etc. O sub-secretário Bodrero, o governador civil Maffei, pronunciaram aplaudidíssimos discursos, exaltando a memória do genial autor de «Eneida», em que são celebradas as qualidades guerreiras da Itália. —(L.)

Os gladiadores do século XX

MELBOURNE, 22.—Deu-se ontem à tarde um triste incidente que veio empurrar as festas em honra dos duques de York. Quando, após a parada militar, o filho de Jorge V, acompanhado de sua esposa, se dirigiu para o palácio do governador, onde se realizava um banquete, dois dos quarenta e roçanos que haviam tomado parte em exercícios aéreos, chocaram, indo cair em chamas quais os pés dos hóspedes do governo. —(L.)

Quatro dos tripulantes das aves, os tenentes Dines e Thornton, o sargento Hay e o mecânico Ramsden, todos ingleses, morreram carbonizados.

Os duques, depois de recomendarem ao governador as famílias dos mortos, receberam os seus apóstolos, tendo o jantar de gala sido adiado. —(L.)

Pacifismo imperialista

HAMBURGO, 22.—Realizou-se ontem a sessão inaugural do congresso democrático. O presidente, sr. Koch, por em realce a necessidade da criação de uma base permanente de colaboração pacífica entre todos os povos europeus e fez votos pela proxima união da Áustria para completar o estado unificado alemão. —(L.)

Notícias diversas

«Fotografia sem fios!»

NOVA YORK, 22.—A companhia americana de telefones e telegrafos anuncia a possibilidade de transmissão de retratos a cores perfeitamente nitidos ao longo do continente pela telegrafia sem fios. —(L.)

COURTRAS, 22.—Chocaram-se dois aviões, ficando mortos três dos seus tripulantes. —(L.)

PARIS, 22.—O presidente Doumergue parte amanhã para Marselha, afim de assinar o tratado do túnel Rove, que ligará Marselha ao lago Berra, no Rhône. —(L.)

«Cirurgia de braço, abdome, abdade, Na fôrma chaise-longue, junto da priminha, Mademoiselle X...—escultural deidade, Dezoito primaveras... sól... muito novinhos...»

—Enquanto o Sol te beija a doce puberdade, Afasto-me de mim, que a Morte se avizinha, E apraz-me contemplar, na rude soleade, Este busto de Nina, cándida ermidinha... Ceu!...

Tinha graça e eloquência o bronze e nêdeo abade, Na fôrma chaise-longue, junto da priminha, Mademoiselle X...—escultural deidade, Dezoito primaveras... sól... muito novinhos...»

Circunvagava o braço, mágico e felpudo, Na cintura da virgem, purpureada em tudo, E disse-lhe ao ouvido: —Em ti, abranjo o meu...»